

MARC BERKOWITZ

MONIKA MIRABEL

Muitos são os países cujas embaixadas no Brasil têm adidos culturais, mas poucos tiveram adidos tão ativos, que souberam conquistar a amizade e a confiança dos círculos culturais e artísticos, como Monika Mirabel da Polônia. Depois de cinco anos no Brasil, Monika Mirabel voltou à Polônia, deixando aqui uma legião de amigos, e levando a certeza que os laços de amizade, que ela ajudou a atar com mão tão firme, permanecerão e servirão de ponto de partida para aqueles que continuarão a sua obra, mas que dificilmente poderão substituí-la.

VANDA SVEVO

Quem nos meios artísticos não conhecia Vanda Svevo, a mulher de rosto bonito e sereno, de olhos intensamente azuis, que no meio da freqüente confusão das Bienais de São Paulo, no meio de diretores muitas vezes ineptos, no meio das intrigas nacionais e internacionais, sempre sabia acalmar os ânimos, dar a resposta certa, emitir uma opinião baseada em grande cultura, conhecimentos sólidos, e um extraordinário bom-gosto. Oficialmente Vanda Svevo dirigia os Arquivos Internacionais de Arte Moderna — mas na realidade era ela a alma da Bienal, o verdadeiro anjo bom de Cicillo Matarazzo. É difícil imaginar a Bienal sem Vanda Svevo, sem a sua boa influência, sem a sua capacidade administrativa. É difícil para mim, que fui seu amigo, imaginar São Paulo sem aquelas reuniões em seu pequeno apartamento, simples e despretenhoso como era Vanda, meio cheio de quadros e objetos bonitos. É difícil imaginar que nunca mais tocará o telefone, anunciando a sua vinda ao Rio, e que nunca mais discutiremos os muitos problemas da Bienal e das artes plásticas em geral. Em um instante trágico e brutal, quando o avião estava prestes a aterrisar em Lima, Vanda Svevo, que estava em missão da Bienal, foi arrancada do rol dos vivos. Os seus amigos jamais a esquecerão.

O "SALÃO" DO PARANÁ

O Salão do Paraná, que no ano passado assumiu um cunho nacional, voltou em 1962 a ser apenas mais um salão provinciano. A inépcia de seus dirigentes e parcialidade de alguns dos componentes do júri desfizeram a obra realizada no salão anterior, através de cortes injustos e de uma premiação em grande parte inconcebível. O Grande Prêmio, muito merecidamente, foi dado a Arcângelo Ianelli, mas a sua superioridade sobre os outros, qualquer júri era capaz de ver. Quanto aos outros é melhor que o resto seja silêncio...

ALGUNS DIAS EM SÃO PAULO

São Paulo possui uma nova galeria chamada "Selearte", localizada na famosa Rua Augusta. É uma casa velha, remodelada, com dois andares, divididos em diversos ambientes, inclusive um barzinho. A decoração podia ser melhorada, mas a galeria é simpática, e oferece pinturas, esculturas, gravuras, desenhos, jóias, cerâmicas, e até algumas antiguidades. Da minha última visita pude ver mosaicos de Freda Jardim, arrojados e bem realizados, numa tentativa freqüentemente bem sucedida de unir esta técnica tradicional aos conceitos da arte contemporânea. E vi jóias de Caio Mourão, Renée Sasson, Pedro Correia de Araújo, Elisa Corbertt, Livio Levi, Ulla Johnsen e Calabrone. Neste grupo o melhor é Pedro Correia de Araújo. Deixando de lado influências folclóricas ou escandinavas — em geral tão aparentes nas jóias modernas brasileiras — ele está encontrando uma linguagem própria, apoiado por uma técnica boa, um óbvio e grande amor pela prata, e muita imaginação e senso de ritmo. Acredito que em Pedro Correia de Araújo o Brasil tenha encontrado um verdadeiro criador e inovador da jóia moderna.

Gostei também das cerâmicas de Bert Hollander, uma ceramista belga radicada no Brasil, que deixa entrever um certo mau-gosto em seus trabalhos figurativos, mas que se realiza bem em trabalhos abstratos de grande simplicidade e nobreza.

Na Galeria Miâni, também na Rua Augusta, entre antiguidades das mais diversas procedências e de grande beleza, uma exposição da pintora Ági Straus, que em seus trabalhos algo "welsianos" deixa entrever um mundo pessoal, curioso, bem articulado através de suas "gouaches" magnificamente realizados.

Na "Petite Galerie" da Avenida Paulista, de novo a seriedade e serenidade de Hércules Barsotti e Willys de Castro, ainda às voltas com os problemas — quicás insolúveis — da arte concreta e da terceira dimensão.

Na "Astrea", sucesso total de Raimundo de Oliveira, que vendeu todos os trabalhos expostos no dia da inauguração. O que se compreende, vendo o simbolismo religioso um tanto "nalf", mas tremendamente sincero e alegre de suas telas. Na São Luis, uma excelente exposição do desenhista carioca Abelardo Zaluar, aproximadamente a mesma que ele realizou antes na "Petite Galerie" do Rio. Zaluar está figurando entre os grandes desenhistas do Brasil. Enfim, São Paulo como Rio, aparentemente não respeita mais as estações, o movimento artístico continua sem interrupção.